

Plantas e Bobagens, Autobiografia

Recebi uma incumbência de escrever sobre mim. Isso é difícil, muito difícil. É mais fácil escrever sobre o próximo, ao menos quando ele não está próximo. Mas é preciso fazer uma silhueta própria, se autodescrever, se auto intitular, se autodefinir.

Por definição; sou um viajante, um andarilho, um cigano que sai pelo mundo em busca das perguntas e de respostas. Perambulo por três mundos distintos, o de Ceres, o de Eros e o de Netuno. Explico. Perambulo pelos mundos da Agronomia, das Letras e da Pesca.

Vivo uma eterna crise existencial. Muitas vezes não sei se sou pescador, agrônomo ou algo que se assemelhe á um escritor. Vivo esse eterno conflito. Ficam os três “Eus” á brigarem comigo todo o tempo, como nos desenhos animados quando no ombro do personagem aparece um diabinho botando pilha para que a má ação seja executada, sendo imediatamente refutada pelo anjinho que fica empoleirado no outro ombro aconselhando com ideias digamos, cristãs. Existe aqui um problema adicional, só tenho dois lados de ombro e onde se instalará o outro personagem?

O primeiro á habitar o meu Eu, certamente foi o pescador. Nasci numa fazenda repleta de lagos e já com poucos anos estava sempre acocorado á beira de um laguinho fazendo um simulacro de pesca. Simulação sim; ainda que quase perfeita, pois pescava com vara de galho de Guapuruvú, que era catado no chão perto dos pés de Faveira. Linha de costura Corrente que era roubada aos carretéis do cesto de costura (o segredo era roubar as linhas coloridas, pois minha mãe não notava, ao contrário do que acontecia se o matiz subtraído fosse o branco). E como anzol, um pedaço de arame fino que era entortado e amarrado á linha. O incrível é que mesmo com esses materiais rústicos; Lambarís, Carás e Saí Cangas eram sempre fiscados; logicamente, vez ou outra perdia quase todo o material quando alguma traíra ou black bass resolvia fazer do naco de minhoca sua refeição.

Com o passar dos tempos, a pescaria evoluiu. E evoluiu muito, descobrira o clips, isso mesmo, o clips de papel; desde que devidamente aberto e amarrado, é um excelente anzol; essa informação deveria constar nos manuais de sobrevivência.

Novo salto, quando foi descoberto o monofilamento - aquele barbante que os pedreiros usam para alinhar ou nivelar as construções -. Para quem pescava com linha de costura, aquilo era como o sujeito que dirigia um Fusca 66, passar á pilotar uma Mercedes; logicamente essa preciosidade era sorrateiramente subtraída de pedreiros desavisados, ou melhor, distraídos ou ausentes.

O rito de passagem, deu-se o dia que ganhei minha caixa de pesca, deixara de lado o primitivismo para a civilização. Deixara de pescar que nem criança para pescar como os Homens. Do dia para a noite deixara de ser um curumim para tornar-me um Guerreiro. Saíra das sombras para a Luz. O milagre do crescimento se fizera.

Para desespero de minha mãe, pois daquele momento em diante, só fazia por pescar. Acordava antes do sol sorrir e só parava depois que o carro de Apolo tinha se posto no firmamento. Pescar era tudo de bom, ansiava pelos feriados e finais de semana, pois teria mais tempo para pescar. Adorava carnaval, pois eram três ou quatro dias de pesca.

A pesca sempre foi especial e conforme evoluía a técnica, evoluía o poder de observação. Ficar horas ou um dia inteiro sentado no mesmo local, nos torna observadores, não só do entorno, mas da relação pescador – peixe – ambiente; ao ponto que num determinado momento o que menos importa é o peixe. Em determinado momento o peixe passou á ser secundário e até hoje é; pesco o peixe para os outros; pois para mim, fica o pescar.

O peixe passa á ser secundário quando o que realmente importa são as descobertas. Quando as perguntas superam as quantidades de respostas, o anseio por explicações torna-se uma experiência única. Porque ontem os peixes comiam e hoje não comem? Porque os veios das rochas são todos paralelos e tendendo á 45 graus? Porque os aviões que vem da África deixam um rastro de “fumaça” no céu e os que vem pela orla nada mostram? Porque as Aningas existem em tanta quantidade nas margens de determinados Rios e

porque elas sucedem as Ludwigias? Porque existe tantas Arraias e Tartarugas Marinhas na costeira andando juntas? Porque...

O pescar se torna a oportunidade de exercitar os neurônios. A solidão unindo os mundos apenas por um fio talvez faça com que toda energia seja canalizada, organizada, sistematizada e passe á fluir pela linha de pesca, sendo o início lá debaixo da água junto ao anzol e o final no último neurônio que faz a última sinapse do Hipocampo de nosso “miolo mole”.

Nosso cérebro é um labirinto, repleto de caminhos possíveis e impossíveis, de entradas e saídas sem fim, de becos sem saída, de locais ermos e mal iluminados, de depósito abarrotados, de mercadorias (informações), a grande maioria que acreditamos não ter muito valor. Não bastasse tudo isso, lá se escondem em seus subterrâneos Minotauros terríveis prontos a devorar incautos heróis do pensamento.

O herói Teseu, só venceu a Besta que habitava o Labirinto, com o auxílio de um novelo que a bela Ariadne lhe presenteara, orientado que fora á fixar uma ponta na entrada do Labirinto e a desenovelar o fio á medida que ingressava nos subterrâneos; para retornar com segurança, bastaria enrolar o novelo; como o faz o pescador de molinete, carretilha ou linhada.

Desta forma a linha de pesca, é o fio de Ariadne que me faz liberto dos Minotauros que habitam meu Eu.

Bem deves estar se perguntando e como matamos os Minotauros? Não os matamos! Pois ao momento que morre um Minotauro nasce outro. Eles existem em profusão na nossa massa cinzenta. O segredo é mantê-los ocupados todo o tempo em restaurar o labirinto, devemos á todo o tempo fazer com que nosso labirinto de neurônios modifique sua esponja, desesperando nossos Monstros; até mesmo porque “cabeça vazia estacionamento do diabo”.

Como fazer isso? Simples! Fazendo perguntas e buscando suas respostas. Não aceitar como respostas bíblicamente os “Porque sim! Porque não! Talvez! ”; até porque não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas!

Perguntas são coisas de criança, o cientista é uma eterna criança. “Penso logo existo! ” “Pergunto, sou criança”, Pesco e pergunto”! Então, sendo pescador,

sou criança!... Na mesma linha daquela do Stevie Wonder ser Deus por ser cego; pois Deus é amor e o amor é cego, como o Stevie é cego ele é Deus!!!

O segundo ser á habitar meu Eu, foi o Agrônomo. O gosto pelo reino vegetal, logicamente se alicerçou pelo fato de ter nascido e morado no Campo, essa vivência fez com que conhecesse amiúde os engenhos da natureza e me enfurnasse nesse mundo de Leis Naturais e a ciência que as governa, a História Natural. Desde cedo comecei á perceber a dificuldade que as pessoas têm em desvendar conceitos muito simples; como impermeabilização X erosão X enchentes; agrotóxico X adubo; clonagem X enxertia X transgenia; Evolução X Darwinismo...

Tornei-me um reles agrônomo, nunca me interessei muito pelas coisas de ponta, pelo academismo. Fui professor universitário, mas sempre me recusei a aceitar a ideia de fazer uma especialização, um mestrado ou um doutorado, ou sei lá o que mais; um MBA ou outra sopa de letrinhas qualquer. Nunca engoli a ideia de estudar o efeito da coloração azul carmim na população de *Besticus anonimus* em ambiente controlado das CNTPs sobre a influência do 2£alfa besterase amônia 4¢ em laboratório! Talvez até por isso preferia tirar os alunos da classe e os levar para aulas práticas; diversas vezes dei aulas de bosta, no sentido mais literal possível pois chafurdava excrementos de vacas para ver como estava a pastagem, o manejo, a saúde do bicho, entre tantas informações que a merda nos fornecia...

Tanto isso é verdade que estou pensando em assinar M'rd Engenheiro Agrônomo ou sei lá Engenheiro Agrônomo M'rd! Sei que muitos curiosos vão perguntar o que é M'rd, tenhas certeza que falarei! Mas o fato é que ao atravessar a rua após receber o canudo com o diploma de Engenheiro Agrônomo, perdi metade do meu título, automaticamente virei Agrônomo. Sei ainda que a próxima reforma ortográfica tirará o chapeuzinho e passarei a ser um agronomo sem chapéu.

Meu herói nunca foi o Batmam, o Capitão Marvell ou o Supermam. Meu herói sempre foi o Chico Bento e como nos espelhamos em nossos heróis, em nossos ídolos, precisava parecer com o Chico. Assim derivei meus neurônios para traduzir conhecimentos agronômicos para que as pessoas pudessem compreender a agronomia que se expressa através do agronomês.

Minha função sempre foi traduzir coisas extremamente complicadas para uma linguagem que as pessoas comuns como a dona de casa, o cobrador de ônibus, a menina da lotérica ou o coveiro; entre tantos outros pudessem compreender.

Um exemplo! Vejamos por exemplo a acidez do solo, o agronomês diz que acidez do solo é o diferencial existente no solo entre suas substâncias, as ácidas que tendem á ceder prótons, íons hidrogênio e as alcalinas que tende á aceitar prótons. Essa transformação em solução aquosa pela cessão de H+, forma a acidez ativa, representada pela escala pH que é uma função logarítmica representada por; $pH = - \log a H^+$...

Minha explicação simplista de acidez seria a seguinte; a planta se alimenta de diversos tipos de “comidas” diferentes Nitrogênio = feijão; Fósforo = arroz; Potássio = bife, junto com os temperos que são o Cálcio = sal e Magnésio = alho. Os temperos não são a comida em si, mas fazem com que comamos mais ou menos os outros alimentos, assim é com a planta; quando falta Cálcio ou Magnésio, a planta não consegue comer os outros alimentos, passando fome, que é quando dizemos que a terra está ácida, está azeda; está com gosto ruim para a planta se alimentar.

Assim, digamos que me tornei um Chico Bento poliglota. Passei á entender várias línguas, o Caipirêns, o Mineirêns, o Caiçarêns, o Papa chibé e até um pouco de tupi-guarani entre outras tantas línguas. Em tempo, só não consegui entender as mulheres, suas línguas ferinas proferem dialetos ininteligíveis.

O terceiro passageiro á embarcar na espaçonave Eu, não embarcou por acaso, ele foi uma somatória de ações, que começou lá na sexta série da escola; quando minha professora de português, Maria Madalena proibiu-me de assistir suas aulas ou qualquer outra aula de linguística. Sabia ela já na época que eu tinha certa habilidade para misturar as letras com características próprias e que esse estilo não deveria ser perdido pela influência de coisas como objetivo direto, pretérito mais que perfeito ou predicado verbo nominal. Bem da verdade não sei até hoje o que esses termos significam, se bem que objeto direto é mais ou menos o seguinte; quando você dá uma cantada numa donzela e esta se sente ofendida e joga em tua direção um

objeto e este o atinge sem tabelar em nenhuma outra coisa, este é o objeto direto. Já o pretérito mais que perfeito é quando no natal ...

Devo aqui fazer a defesa de Maria Madalena até porque a Estória sempre as crucificou; pois bem a professora Madalena me dispensava das aulas, mas recomendava que eu frequentasse a biblioteca constantemente, donde me tornei rato. Li todos os Guimarães, Os Euclides, os Lobatos, os Amados, ..., mas sempre lia os livros que ninguém lia, aqueles romances tipo "a Moreninha, Casa Grande e Senzala, o Cortiço, Vidas..., nunca os li. Assim Maria Madalena, me fez conhecer as letras em toda sua pureza, fez me enamorar pelas letras... por elas me apaixonei...delas tornei-me amante.

O caso virou amor com o passar do tempo. A necessidade de traduzir o Agronomês e outras línguas correlatas para o Jardinês ou para o Simplês, fez com que a paixão virasse amor.

Descobri que tinha muito á ver com o Eu letrista, não me considero escritor. Escritor escreve estórias de começo, meio e fim. Escritor escreve: Era uma vez ... e viveram felizes para o sempre. Escritor sabe onde começar e como terminar; ao contrário de mim que acabo perdendo-me dentro da própria estória, igual a Jumanji e quando me enrolo, uso o milagre dos três pontinhos...

Meus escritos, meus ensaios, não tem começo, meio ou fim e por vezes conectam assuntos dos mais absurdos que se pode imaginar, conectam a Noruega com as sacolinhas de supermercado ou as abelhas neotropicais com os italianos e suas polentas e assim por diante.

Descobri com o tempo que tenho certa vocação para escrevinhar e como vocação é uma chamada de amor de nosso interior, descobri que faço amor com as palavras. Sou um amante das palavras. Faço amor com as letras amadas, pela pura alegria de fazer amor. Aprendi a ver beleza nas letras, descobri que a beleza está nos olhos de quem vê, assim fico extasiado com a beleza das palavras, das frases e dos textos.

Eu Pescador, Eu Agrônomo, Eu Letrista. Ou seria, Ego Pescador, Ego Agrônomo ou Ego Letrista?

Não sei! Mas como são as perguntas que nos movem, vou tentar achar essas respostas. Senta aí, mas fica quieto, não faz barulho se não os peixes se assustam!!!

Bem, Eu definido e apresentado, resta apresentar o Plantas e Bobagens, ensaios que ao primeiro contato, parecem sem pé nem cabeça, neles realizo conexões de coisas completamente diferentes, mas que ao final se conectam como côncavo e convexo.

Escrever um ensaio de plantas e bobagens é tarefa inglória, nem tanto pelo ato de escrever ou do concatenamento das ideias. O difícil é conseguir uma ideia, um tema. Pois a ideia surge como um raio; a luz se acende numa fração de segundos e quando apaga, já está tudo prontinho no labirinto cinzento. Por vezes fico dias a caçar uma ideia, faço cevas, armo arapucas, armadilhas, gaiolas e ela teima em não aparecer, quando relaxo lá está ela sozinha, alegre, toda ornada, repleta da mais pura beleza percorrendo a estrada sinuosa dos pensamentos.

Todos apresentados, embarquem, apertem os cintos, que nossa viagem se inicia...

Era uma vez...

Ou será?

Aconteceu um dia, ...